

Rasga Mortalha: juventudes periféricas de Fortaleza e representações de si por meio da arte¹

Clarice Canuto Pinheiro²
Universidade Federal do Ceará - UFC

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar como jovens periféricos de Fortaleza respondem às narrativas hegemônicas sobre as representações que meios de comunicação tradicionais fazem de seus corpos e territórios. Essa investigação é feita metodologicamente de forma etnográfica, tendo como objeto a peça Rasga Mortalha, desenvolvida em 2024 pela Escola de Teatros Periféricos no território do Grande Bom Jardim, composta por jovens de 15 a 29 anos, em sua maioria moradores das periferias da cidade de Fortaleza.

PALAVRAS-CHAVE: juventude; representação; mídia; arte periférica; comunicação.

CORPO DO TEXTO

Introdução

As juventudes hoje, mais do que nunca, são uma pauta social prioritária em termos de visibilidade, com a reivindicação de oportunidades, direitos e políticas públicas voltadas para esse público. Essa ascensão do termo dentro de ambientes institucionais nem sempre é refletida no cotidiano dos jovens, em especial no caso dos jovens que vivem em territórios marginalizados. As questões relacionadas a esse grupo seguem latentes também no campo da representação, porque enquanto suas pautas passam a ser mais vistas, o movimento de estigmatização dos seus corpos pela mídia hegemônica continua acontecendo a todo vapor, em um processo que é por vezes categorizado como uma forma de morte simbólica. Como Caio Lamas discorre:

“Esse assassinato simbólico e discursivo a posteriori pode ser visto no caso em que jovens negros das periferias não envolvidos na prática de crimes são vítimas da ação policial e, mesmo depois de suas mortes, são classificados como criminosos e bandidos, tanto pelas forças policiais como pelas mídias” (Lamas, 2022, p. 79).

Apresentaremos ao longo dos capítulos situações em que esse processo

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE22 - Narrativas contra-hegêmicas associadas às materialidades digitais, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Egressa recém-formada do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da UFC, email: canutoclarice@gmail.com.

ocorre, principalmente no caso de mortes nas periferias. Mas cada vez mais essas violências discursivas são respondidas pelos sujeitos que essas mídias estigmatizam.

As respostas em questão são vistas cotidianamente nas obras, intervenções e fabulações de artistas pela cidade, que criam novas narrativas sobre si mesmos e as espalham em formatos diversos, criando outras imagens. Esse é o caso, também, do Teatro de Rua, linguagem adotada pelo grupo aqui analisado, que foi formado pela Nóis de Teatro, grupo teatral que atua há 22 anos no Grande Bom Jardim.

A Rasga Mortalha é uma peça que retrata um corpo sendo encontrado em um território periférico, são crianças que o encontram e a partir dessa premissa inicial é que se desenvolve o restante da peça, em que surgem personagens que remetem aos meios de comunicação hegemônicos e passam a especular sobre de quem era aquele corpo. A partir disso são colocados em cena debates importantes sobre vidas dignas de luto, interseccionalidades e representação.

Diante disso, esse trabalho investiga como jovens periféricos de Fortaleza respondem às narrativas hegemônicas sobre as representações que meios de comunicação tradicionais fazem de seus corpos e territórios a partir da peça, desenvolvida em 2024 pela segunda turma da Escola de Teatros Periféricos. Para isso buscamos discorrer sobre a criação de respostas e narrativas de contra-estigmatização sobre seus territórios e vivências, que se constroem a partir dos corpos e obras desses jovens. Pretendemos também entender como as representações que a comunicação hegemônica faz de vivências jovens e periféricas na cidade de Fortaleza repercutem interseccionalmente em suas próprias narrativas, apresentando essa narrativa de resposta.

Metodologia

Esse trabalho se desenvolve metodologicamente em um processo etnográfico, que contou com (1) experiência como espectadora da peça no palco, em caixa cênica, (2) experiência como espectadora de dois ensaios, em praça pública, (3) uma oficina de maquiagem e (4) uma entrevista semiestruturada com parte do elenco e direção. Esses episódios ocorreram em diferentes meses de 2024, entre fevereiro e setembro. Em nível mais informal, mas ainda parte da etnografia da qual nasce o trabalho, estive em contato contínuo com os responsáveis pela produção da peça,

participando de comemorações e assistindo apresentações de outro espetáculo do mesmo grupo.

Fundamentação teórica

O trabalho em sua completude trabalha com conceitos chave para entender as intersecções entre juventudes periféricas e representação, considerando os recortes territoriais e a marginalidade desses corpos. Stuart Hall é o teórico que orienta o conceito de representação, com participação relevante de Judith Butler e Erving Goffman ao falarmos de estigma e vida e morte nas periferias e como esses sujeitos são retratados. Surgem no texto também o conceito de interseccionalidade de Patricia Hill Collins, pesquisas de Glória Diógenes, acerca das artes de rua de Fortaleza, e Altemar Di Monteiro, sobre a atuação da Nóis de Teatro nas periferias da cidade, em especial no Grande Bom Jardim.

Análise

A escolha da obra e o enfoque na Nóis de Teatro se deve ao fato de que muito do entendimento sobre a peça, e significativamente sobre o teatro de rua que têm sido feito nas periferias de Fortaleza passa pelo entendimento de quem é a Nóis de Teatro, que historicamente tem encontrado nas artes cênicas formas de atuação sociopolítica, transformando-o constantemente em ferramenta incitadora de debates, inclusive no que se refere à comunicação. Como é o caso das colocações de Altemar Di Monteiro, diretor e fundador da Nóis, em seu trabalho de mestrado que referencia os 15 anos de existência do grupo:

Como moradores de uma cidade cheia de contrastes e entraves políticos e sociais entre seus centros e suas periferias, nosso teatro tem questionado a imagem pragmatizada do lugar onde vivemos, vendida diariamente através do olhar “onisciente” da tela do televisor, do computador e das vozes do rádio. (Di Monteiro, 2017a, p. 110)

Essas imagens fabricadas operam reforçando o estigma (Goffman, 1963), definido por Goffman como a situação de um indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena, o que é categorizado enquanto estranho, diferente frente às expectativas sociais normativas. Esses sujeitos e territórios são limitados aos estigmas que carregam, fazendo com que estes não sejam vistos plenamente enquanto seres humanos, em um processo que traz à tona “vários tipos de discriminações, através das

quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida” (1963, p.8).

Surgem constantemente em cena elementos fúnebres e referências à morte, não deixando que o espectador esqueça do assunto sobre o qual toda a narrativa fala: a morte de sujeitos marginalizados. A peça, de forma geral, trabalha com essa ideia, a redução da chance de vida é, direta e indiretamente, apresentada em cenas de toda a narrativa, em que a morte é estabelecida desde o início, mas as pessoas ao redor passam a enumerar, de diferentes maneiras, as formas como aquela vida se torna mais escassa, mais “invisível”, que reflete a realidade dos jovens que a constroem e interpretam, potencializada pela menção às representações hegemônicas que são feitas.

A representação que a peça faz da mídia e o que ela significa no contexto da peça e enquanto escolha narrativa, portanto, são os elementos que nos interessam majoritariamente nesse trabalho e justificam a escolha do objeto de análise de um trabalho de conclusão de curso na Comunicação Social. Rondelli (1998, p.153) pontua que “a mídia coloca-se como dispositivo que pauta a violência na agenda diária da constituição dos discursos e/ou dos sujeitos sociais”, ao passo em que os sujeitos sociais dos quais falamos, majoritariamente negros e LGBTQIA+, advindos de diversos bairros periféricos de Fortaleza, apresentam enquanto resposta às representações hegemônicas de seus corpos e territórios frente ao dispositivo da mídia e da própria violência pautada por ela, em processo de contra-estigmatização.

No trabalho completo são elaborados de forma extensa também os depoimentos dos atores e criadores da peça, deixando clara a forma como todo o processo ocorre e seu nível de consciência acerca desse processo de contra-narrativa, que opera também na trajetória da peça pela cidade e suas formas de divulgação nas redes sociais e nos espaços de apresentação. Os aparatos e materialidades digitais são assimilados pela narrativa da peça sem que seja esse o maior veículo de narrativa utilizado por eles, mas ainda sendo um ponto de partida importante para que a resposta artística chegue mais longe, em espaços que poderia não alcançar de outras formas e tendo desdobramentos nas redes sociais que se apresentam de forma mais lúdica e descontraída, mostrando um outro lado dos atores e acrescentando camadas à obra.

Conclusão

Por fim, entendemos que a partir do que é discutido durante todo o trabalho acerca de juventudes periféricas e representação, além da abordagem de outros conceitos relevantes para as intersecções entre esses dois temas norteadores, a construção de novas imagens, especialmente por meio da arte nesse caso, cria também novas possibilidades de questionar de alguma forma o regime de representação hegemônico. A insistente reivindicação de novas narrativas e imagens constitui também prática significativa que constroem, aos poucos, significados.

Assim como as políticas públicas de juventude e de cultura, entre outras tantas, só surgem quando amplamente reivindicadas, as políticas de representação também não mudam por conta própria ou por influência dos meios de comunicação e agentes sociais hegemônicos que são beneficiados por elas como são. Dessa forma, enxergar nos sujeitos sociais estigmatizados por elas a possibilidade de mudança demonstra um sistema de representação vivo, em que esses sujeitos, como no caso dos depoimentos trabalhados neste trabalho, estão conscientes da forma como são vistos e a partir disso constroem e difundem outras imagens sobre si em seus territórios e fora deles, pensando também nas possibilidades de vida e expansão de seus trabalhos e potências. Possibilidades que se apresentam principalmente se pensarmos nas potencialidades também do contexto vivido, de efervescência cultural e novas fabulações e representações dentro de diversos territórios e cidades, com claros exemplos em Fortaleza que nos permitem pensar recortes diversos para isso.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto? 1ª ed. Tradução: Sérgio Tadeu de Niemayer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2015.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução: Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência . Tradução: Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- DI MONTEIRO, Altemar. **Caminhares periféricos**: nós de teatro e a potência do caminhar no Teatro de Rua Contemporâneo. 2017. 187 f. – Dissertação (Mestrado) –

Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Artes, Fortaleza (CE), 2017a.

DIÓGENES, Glória. Enigmas do medo: juventude, afetos e violência. In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez; STENGEL, Márcia. **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: PUCMinas, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução: Adelaide La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

LAMAS, Caio Túlio Padula. **Os jovens e a máscara**: políticas de representação de jovens autores de atos infracionais no cinema brasileiro. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais, São Paulo: 2022.

RONDELLI, Elizabeth. Imagens da violência: práticas discursivas. **Tempo Social**, Rev. Sociol. USP, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 145–157, outubro de 1998.